



Ouro Preto, Brazil.

In 1980, the UNESCO declared Ouro Preto a cultural patrimony of humankind. The former Vila Rica and first capital of the state of Minas Gerais, Ouro Preto is home of the largest collection of colonial architecture in Brazil. Its narrow and steep streets display a lavish variety of baroque churches and monuments built with the aid of slave labor as early as the eighteenth century. Sculptured soapstone facades and the remainders of mines of a dark-shaded gold envelop memories of a history webbed with legend, tragedy and romance. Dwelling of talents in all arts and of freedom lovers, Ouro Preto was the scenery of the Inconfidência Mineira, a fierce colonial struggle against foreign domain. Its young and intrepid poets engraved their bucolic and revolutionary passion in the book of Brazilian letters. Today Ouro Preto is also proud of being the home of "Escola de Minas", a pioneering institution for studies of Geology and Metallurgy. In the heart of Minas and nestled at the foot of the peak of Itacolomi, Ouro Preto mirrors colonial Brazil better than any other city. Besides keeping alive the tradition of many religious and folk feasts, Ouro Preto bears a permanent message of freedom, art, mystery and passion.

---

# Um Passado Flutuante: Das Lendas e Histórias de Vila-Rica-do-Ouro- Preto\*

Eurídice Silva & Maria Diva Nogueira, University of North Carolina at Chapel Hill

Onde se encontra a linha que separa a realidade da fantasia, a história da lenda? Será que ela existe?

Friorenta, lá no fundo de seu vale, envolvida no manto de neblina que a agasalha nas horas perdidas da noite, Ouro Preto é uma cidadezinha onde o real oscila dentro do irreal e o sonho das noites se confunde com o mistério das lendas...

Numa região perdida dentro do coração de Minas, viviam sossegados os bravos Cataguazes. Comiam o que caçavam ou pescavam, e as raízes de mandioca arrancadas com dificuldade de um solo muitas vezes ingrato. As estações iam e vinham, umas muito parecidas com as outras. Coraci, o sol, era bondoso. Jaci, a lua, velava docemente sobre todos. O velho Tupã-Beraba, mesmo se às vezes deixava escapar os ruídos de sua cólera, nunca exagerava nas punições.

Sentada à beira de um riacho, à sombra de um jacarandá, Potira amamentava seu filho. Era ainda o seu primeiro. Teria muitos mais, um todos os anos. Tupã não deixaria de lhe dar esta alegria. Era jovem e forte e Peri, seu companheiro, bravo e vigoroso. Sim, teriam muitos filhos. Mas este era o primeiro fruto de sua união com o jovem guerreiro que escolhera seu coração ainda quando muito pequena. Só ele a havia tocado e deste amor nascera o forte bebê que sugava o seus seios firmes com tanta avidez.

O branco a viu e a desejou. Quanta beleza, pensou consigo. Aproximou-se bem

devagar, se escondendo por detrás dos arvoredos e rochas para não assustar sua presa.

Potira tinha bom faro. Suas narinas se dilataram ao sentir a proximidade do animal desconhecido. Continuou a amamentar seu bebê, mas agora todos os seus sentidos estavam alertas.

Foi então que o branco, saltando-lhe ao encalço, quis agarrá-la. De um só salto, com a criança bem presa ao colo, Potira se lançou num passo louco em direção à aldeia. Mas ao avistá-la, compreendeu que não encontraria socorro. Outros brancos corriam atrás dos de sua raça, dominando-os pela força e abatendo-os em grupos. Empunhavam um objeto estranho que ela não conseguira identificar e que fazia um barulho pavoroso. Seria a cólera de Tupã? Não, não podia ser o velho Tupã... As mulheres gritavam desesperadas, mas não tinham o mesmo fim dos guerreiros. Potira viu com terror as mais jovens e bonitas serem violentadas diante das mais velhas, das crianças e dos homens já impotentes.

Potira observara tudo sem interromper sua corrida desesperada. Segurava ainda bem forte contra o peito o bebê que já não mamava. Compreendeu que precisava correr, correr até perder as forças. De repente, virando-se sobre os calcanhares, conseguiu olhar de frente para o branco, dando-lhe a impressão de que iria capitular e de que estava terminada a caçada. Entretanto para surpresa do predador, Potira arrancou de

---

\* A version in French of this short story received the first regional (Rio/Minas Gerais/São Paulo) prize and the second national prize in Brazil in 1984. This is an adaptation, revision and translation into Portuguese of the original short story.

suas entranhas forças para dar mais um salto inesperado e dobrar a velocidade da fuga. Atravessou a mata, correndo por caminhos amigos que conhecia como as estrelas do céu, sempre perseguida por aquele animal feroz em quem, no desespero da fuga, ela só fazia aguçar o desejo. Potira hesitou. Via à sua frente as colinas que envolviam a aldeia. Eram velhas companheiras. Quantas vezes não as havia escalado em sua infância. Mas então não havia nem o medo nem este peso precioso a ser carregado. Sua hesitação não durou mais do que um segundo. Concentrou-se outra vez na corrida desesperada. A subida se tornava cada vez mais difícil e o filho já choramingava quase sufocado por seu abraço. O coração batia forte, como se fosse explodir dentro do peito.

Potira não viu uma pedra escondida por entre as folhas do mato. Caiu atordoada sem saber o que acontecera. Rolando pelo chão rochoso, só tinha consciência de que ainda tinha o bebê protegido fortemente contra o peito. Terminada a agonia da queda, deitada, apertando o filho com os braços já sem forças, incapaz de mover-se, vê chegar o inimigo. Ele não corre mais. Já não é mais preciso. Ele sorri e Potira pode vê-lo em toda a feiura de sua pele branca e de seus cabelos claros e ondulados. Potira sente o seu cheiro forte de branco, macho e predador. O animal branco se aproxima, quase tocando-a. Seu sorriso se transforma agora na pavorosa gargalhada daquele que tem todo o tempo para saborear a vitória.

Desesperada, Potira levanta os olhos em direção à morada de Tupã. Uma prece sai com dificuldade de seus lábios ressequidos: "Salve-me, você que pode tudo!"

E diante dos olhos perplexos do branco incapaz de compreender os apelos da índia, dois magníficos blocos rochosos começam a se erguer docemente por entre o cascalho do solo.

Potira e seu filho não existem mais. Em seu lugar o Itacolomi, "pedra-mãe" e "pedra-criança", ergue-se imponente contra o azul

imaculado do céu. Inacessível para sempre ao desejo do branco, do alto de seus 1797 metros, Potira-Itacolomi pode agora velar ternamente por seu filho e admirar impassível a chegada daqueles que viriam se estabelecer a seus pés e fundar Vila-Rica-do-Ouro-Preto.

E eles vieram, de fato. O litoral não mais os continha, ávidos que estavam para satisfazer seus desejos de riquezas tropicais.

Um dia, um aventureiro desgarrado de sua tropa, à cata de pedras preciosas, resolve parar um pouco para se orientar. À sua volta a floresta é densa, mas o veneno sutil de sua beleza e o perfume singular das resinas frescas o incitam a continuar. A paisagem é de uma doçura estranha e selvagem. Por entre árvores e cipós que se entrelaçam à sua frente, avista um pequenino curso d'água. Saliva já de gozo diante desta água tão clara e fresca. Ao se abaixar, entretanto, avista ao fundo da transparência cristalina algumas pedrinhas de uma cor muito escura, bastante estranhas. Curioso, mergulha o braço direito, recolhe algumas e as coloca na sacola que trazia pendurada ao pescoço. Continua sua marcha e finalmente se reúne aos companheiros de tropa. Sua curiosidade o arrasta a um conhecedor de pedras preciosas. Descobre então assustado que as pedrinhas são na verdade ouro, e se tem uma tonalidade tão escura, lhe explicam, é porque está misturado com outros metais.

O vento espalha rapidamente a notícia da descoberta desta riqueza escura. Era preciso encontrar de novo o pequeno riacho que banhava tamanha preciosidade. O aventureiro se lembrou então do magnífico pico rochoso que dominava a paisagem entre as colinas ondulantes. Estranho pico que lembrava a figura de uma mãe carregando um filho...

Ao longo dos anos que se seguiram, a paisagem começa a mudar lentamente. Outros aventureiros seguem o caminho das Minas Gerais. A todos o Itacolomi indica a

boa direção. Instalam-se os homens nas margens dos córregos, abrem clareiras dentro da mata e perfuram as colinas. O ouro negro se encontra por toda a parte e aguça a cobiça dos que o desejavam suficientemente para empreender a perigosa viagem. Pequenas aglomerações se formam, Ouro-Preto, Ouro-Branco, Ouro-Pobre, e a metrópole não tarda a enviar os guardiões de suas leis para garantir a posse do produto destas minas prodigiosas, que vai se acumulando nos cofres de além-mar.

Assim nasce Vila-Rica-do-Ouro-Preto, habitada por uma multidão de personagens terríveis e ao mesmo tempo fascinantes. Alguns deles, levados pela história, estão fadados a interpretar papéis inesquecíveis e a incorporar-se à lenda. Atores de um gigantesco enredo gravado para sempre no meio das colinas no coração da nova terra, circulam magicamente na lembrança de seu povo. Nasceram de sua bravura e a sensibilidade lhes modelou a cultura.

Mas das minas de ouro derrama-se também aos pés do Itacolomi a mancha negra da escravidão. O escravo negro trazido de sua longínqua África, comprado e vendido como uma mercadoria qualquer, protagonizará, ele também, o espetáculo da gênese da nova cultura e da nova raça na terra do pau-brasil.

Houve um deles cuja história foi rapidamente contada e admirada por todos. Rei de uma tribo num país ignorado da África, foi capturado e encarcerado com muitos outros de sua tribo nos porões da agonia de um navio negreiro. Sobreviveu à terrível viagem e ao chegar ao Brasil foi arrastado a Vila-Rica-do-Ouro-Preto. O velho monarca, rebaixado à triste condição de escravo, não perdeu, entretanto, a força e a coragem. Trabalhou obstinadamente dia após dia para comprar sua liberdade e alforriar seus compatriotas cativos. Um a um ele os afiançou, seu filho primeiro, e em seguida os que restavam de sua tribo. Casou-se, teve filhos, reconstituiu sua corte e passou para a lenda como “Chico Rei”, o negro orgulhoso

de sua raça, que ousou enfrentar com bravura a autoridade do branco e reconquistar sua dignidade de homem e sua condição de soberano. Sua lembrança ainda vive na memória de seus descendentes e ele está presente no longo cortejo de heróis, rebeldes e corajosos que desfilam pela neblina de mistério que paira sobre o Itacolomi.

Sob a neblina das lendas e do amor à terra, abrigar-se-ia alguns séculos mais tarde uma conspiração romântica que inquietaria a velha Vila-Rica, impregnando-a de doce lirismo. O inquieto e sagaz Tiradentes foi o personagem central da Inconfidência mineira, mas à sua volta se encontrava reunida a juventude idealista da época, imbuída das idéias de liberdade vindas do velho continente.

E foi pela porta do amor que um jovem poeta, membro também do grupo de rebeldes da Inconfidência, passou da história para a lenda. Loucamente apaixonado pela jovem Maria Dorotéia, que ele chama de Marília, o poeta ia sentar-se todas as tardes sobre a ponte que ela atravessava para ir beber a água cristalina de um chafariz próximo. A “Ponte dos Suspiros” e o “Chafariz de Marília” lembram aos amantes de todos os tempos a paixão desmesurada que inspirou ao poeta suas mais belas estrofes e consumiu de tristeza a existência da jovem.

Descoberta a conspiração, nosso poeta Gonzaga-Dirceu é deportado para a longínqua África dos escravos num irônico capricho do destino. Marília tremeu de horror ao som das trombetas que anunciaram a chegada a Vila-Rica dos quartos salgados do infeliz Tiradentes, denunciado como chefe da conspiração, mas continuou inabalável na sua espera fiel. Contou dia após dia nas contas do rosário de sua tristeza, os dez anos do exílio. E soube um dia que aquele a quem ela esperava pacientemente, havia se casado com uma bondosa alma que o havia acolhido no degredo. Nenhuma palavra saiu de seus lábios, nenhuma lágrima se derramou de seus olhos. Refugiou-se em

sua velha casa onde aguardou o fim de seus dias com o coração frio como a pedra do Itacolomi que avistava ao longe. Quantos mistérios pode guardar este rochedo, suspira Marília...

Por esta época, Vila-Rica-do-Ouro-Preto já havia adquirido as feições de uma verdadeira cidade. O ouro e a fé religiosa se aliam para modelar uma arquitetura colonial aos pés do Itacolomi. As igrejas e as mansões rivalizam em riqueza e ostentam um luxo até então ignorado na metrópole. A pedrasabão e o ouro inesgotável das entranhas da terra permitem ao barroco encontrar uma nova expressão. O quartzito trazido do Itacolomi, de um amarelo rosado com ranhuras violetas, contrasta agora docemente com o branco das casas. Entre mãos hábeis ele se transforma em portais e esculturas magníficas.

Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho" de dedos deformados por misteriosa doença, registra na pedra e na madeira os seus mais belos sonhos. E eis que é chamado um dia ao palácio do governador, D. Bernardo de Lorena, que quer lhe confiar uma nova tarefa. Ao chegar, é recebido pelo alferes Zé-Romão que, zombando de sua cor mestiça, tenta impedi-lo de ver o governador. Humilhado, o artista dá-lhe as costas e prepara-se para sair, quando D. Bernardo, em pessoa, abre a porta de seu gabinete de trabalho. Vendo-se reconhecido e tratado de Mestre, Aleijadinho entra no palácio e recebe do governador a incumbência de esculpir uma estátua de São Jorge, em tamanho natural, destinada a ocupar o lugar de honra na procissão de Corpus Christi, cuja data se aproximava.

O culto de São Jorge, patrão de Portugal, havia sido rapidamente incorporado às tradições religiosas da colônia. Mestiços e negros nele descobriram Ogum, o santo guerreiro que haviam deixado na África.

Aleijadinho não consegue disfarçar um sorriso: era preciso que a tarefa que lhe havia sido confiada saísse melhor do que a encomenda. O governador lhe havia pedido um São Jorge do tamanho de um homem? Pois então ele ia ter o que pedira...

Durante meses Aleijadinho trabalhou com afincos, insensível à passagem do tempo e às dores nas mãos infligidas pelos cinzéis.

Vila-Rica espera impaciente a procissão de Corpus Christi. As ruas por onde passará o cortejo estão recobertas de folhas e flores que formam desenhos e arabescos. As janelas estão decoradas com plantas e toalhas de rendas. O vinho quente aquece as almas menos devotas.

O Aleijadinho também espera alguma coisa. Ei-lo num canto da praça. Seus olhos maliciosos observam atentamente os fiéis com suas roupas domingueiras. De repente, o que no começo era apenas um fraco burburinho transforma-se num estrondo de risadas tão maliciosas quanto inesperadas: a estátua de São Jorge tem a cara do alferes Zé-Romão. Presa por parafusos e cordas à sela de seu cavalo de carne e osso, a imponente estátua de madeira policromada desfila indiferente à quadrinha que sua passagem inspira a um poeta improvisado:

O São Jorge que ali vai  
Com ares de santarrão  
Não é São Jorge não é nada  
É o alferes Zé-Romão.

O artista não precisa esperar mais. Agora, já deitado em sua oficina, aguarda calmamente o sono e sorri ao sabor de sua vingança. Na praça, os fiéis mais calmos aguardam o fim do sermão. De repente ouve-se um barulho estranho seguido de um grito, logo seguido por muitos outros num coro de horror. A estátua de São Jorge, mal aparafusada, tomba de sua sela e a lança do poderoso guerreiro crava-se nas costas de um fiel que segurava

o cavalo pelas rédeas. Tão logo é informado, Zé-Romão, esquecido de sua vergonha, chama os soldados e, para ainda maior espanto dos presentes, leva a estátua para a prisão.

Ao acordar na manhã seguinte, Aleijadinho observa muito matreiro que as opiniões já formadas estavam longe de serem unânimes. Sua origem mestiça aguçava os debates. Afinal, se o artista merecia o respeito devido a sua obra barroca, ele não deixava de ser o filho de uma escrava, alforriado pelo pai branco depois de seu nascimento.

Entrementes, o alferes não fazia grandes esforços para esconder a sua felicidade. Ele sim, era branco de verdade. E depois, tinha havido um crime e o responsável já estava na prisão. Sua obrigação estava cumprida e sua honra lavada, o que mais esperavam dele? Se ele pudesse por as mãos no escultor também...

O processo foi breve. Designou-se um advogado para a defesa mas o pobre coitado foi incapaz de convencer o júri da inocência do acusado e São Jorge, apesar da santidade apostólica, foi condenado a sete anos de reclusão. O santo guerreiro foi forçado a suportar as penúrias da prisão, de onde só lhe permitiam sair uma vez por ano para tomar seu lugar na procissão de Corpus Christi. Dois séculos mais tarde retornaria à mesma cadeia municipal, aquele mesmo edifício emoldurado pelo quartzito amarelo trazido

do Itacolomi. Desta vez o santo vinha transformado em peça de museu e pensava, sem dúvida, que os homens são bem difíceis de entender.

A noite cai. Os sinos das igrejas anunciam o fim do dia. Homens e mulheres voltam para casa ou se refugiam nos cafés para se aquecerem. Nesta hora o passado se torna uma pesada sombra. Nos becos escuros Dona Olímpia pede uma esmola. De que valeu tanta formosura? Com os vestidos de baile aos farrapos, sem jóias nem rendas, acalenta-se nos cobertores de outrora e, ao som de valsas antigas, adormece sozinha nas frias escadas da Igreja do Carmo.

Uma leve neblina se forma em volta do Itacolomi. Daqui a pouco, obesa de história e lenda, descerá em direção à vila, cobrindo-a por inteiro. Quando a última lâmpada já tiver se apagado no interior das casas, os espíritos dos personagens da história vivida ou da lenda nebulosa virão retomar seus lugares e circular livremente pelas ruas vazias e geladas. Aqui eles se sentem de novo em casa porque a linha que separa o sonho da realidade, se ela existe, deve ser bem fraca em Vila-Rica-do-Ouro-Preto.

Um tênue golpe da imaginação pode apagá-la para sempre. Dona Olímpia ressona. A pedra está tão fria...